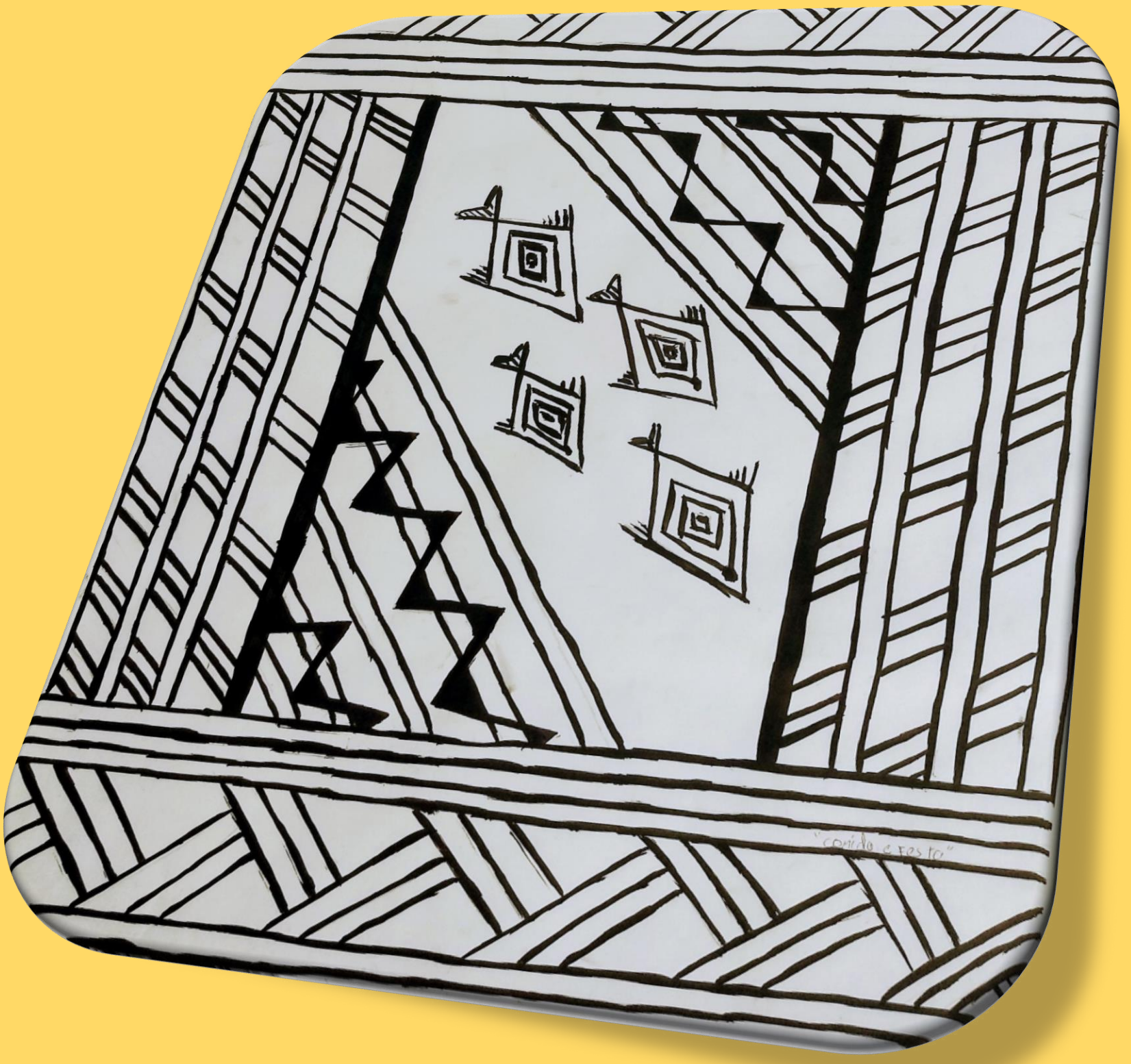
ARTES INDÍGENAS

PRÁTICAS INTERCULTURAIS E O ENSINO DE ARTE



FERNANDO FERREIRA PINHEIRO
JOSÉLIA GOMES NEVES

ARTES INDÍGENAS

PRÁTICAS INTERCULTURAIS E O ENSINO DE ARTE

FERNANDO FERREIRA PINHEIRO
JOSÉLIA GOMES NEVES

Porto Velho, 2019

PINHEIRO, Fernando Ferreira. **ARTES INDÍGENAS: Práticas interculturais e o ensino de Arte**. Porto Velho/RO. 2019. 25 f. Produto Pedagógico (Mestrado Profissional em Educação Escolar) - Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar - UNIR, Porto Velho, 2019.

Autores
Fernando Ferreira Pinheiro
Josélia Gomes Neves

Projeto Gráfico e Diagramação
Fernando Ferreira Pinheiro

Iconografia
Fernando Ferreira Pinheiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Fundação Universidade Federal de Rondônia
Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo autor

P654a Pinheiro, Fernando Ferreira.
Artes indígenas: práticas interculturais e o ensino de Arte / Fernando Ferreira Pinheiro, Josélia Gomes Neves. – Porto Velho, RO, 2019.

25 f.

1. Artes indígenas 2. Interculturalidade 3. Propostas didáticas I. Produto Final de Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar Mestrado e Doutorado Profissional II. Neves Josélia Gomes III. Fundação Universidade Federal de Rondônia.

CDU 37.015.3:7

Bibliotecária Ozelina do Carmo de Carvalho Saldanha CRB 11/486

DESCRIÇÃO TÉCNICA

Título: CARTIILHA PEDAGÓGICA SOBRE PRÁTICAS INTERCULTURAIS PARA O ENSINO DE ARTE E A TEMÁTICA INDÍGENA.

Origem do Produto: PINHEIRO, Fernando Ferreira. **PRÁTICA DOCENTE E INTERCULTURALIDADE: Desafios para o ensino de arte sobre o estudo da história e cultura indígena na escola**. Porto Velho/RO. 2019. 117 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Escolar) - Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar - UNIR, Porto Velho, 2019.

Área do Conhecimento: Educação Escolar

Registro do Produto /Ano: Biblioteca da UNIR, Campus Porto Velho, 2019

Disponibilidade: Irrestrita , preservando-se os direitos autorais bem como a proibição do uso comercial do produto por terceiros.

Divulgação: Em formato digital

URL: Produto acessível no site PPGE/MEPE/UNIR (www.mepe.unir.br)

Instituições Envolvidas: IFRO /UNIR

Idioma: Português

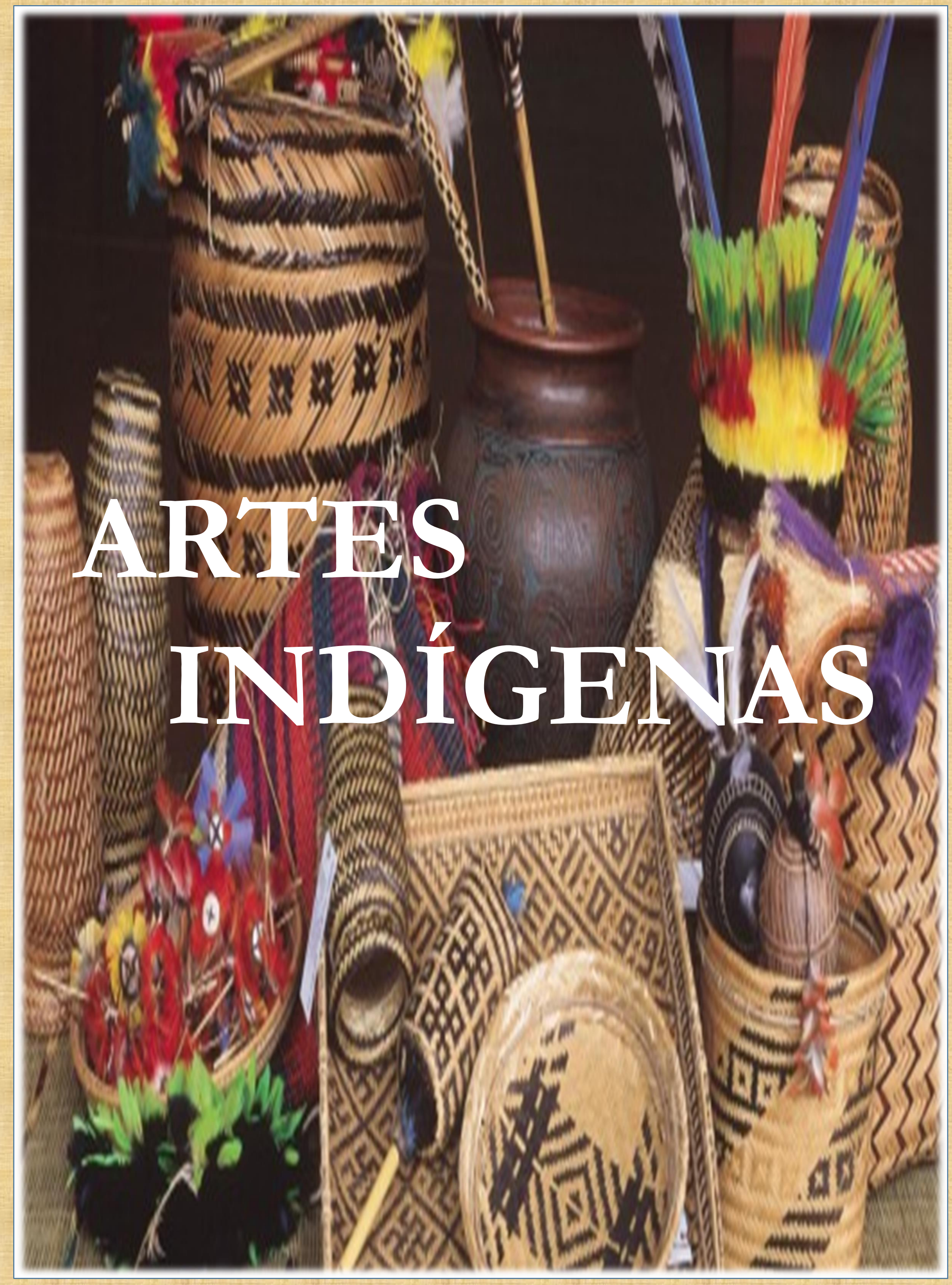
Cidade: Porto Velho

País: Brasil

Ano: 2019

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....6
INTRODUÇÃO.....7
Interculturalidade.....8
Por que arte na escola?.....9
Povos indígenas e sua arte.....11
Artes indígenas.....12
Grafismo.....14
Pintura corporal.....15
Arte Plumária.....16
Cerâmica.....17
Cestaria e trançado.....18
Carpintaria.....19
Músicas indígenas.....20
Propostas didáticas.....21
Considerações.....26
REFERÊNCIAS


ARTES
INDÍGENAS

APRESENTAÇÃO

Ao analisarmos sobre o surgimento da arte, é possível afirmar que esta nasce da necessidade do ser humano melhorar sua qualidade de vida através dos inúmeros objetos, utensílios e das ferramentas. Sempre buscamos não somente ater-se ao utilitarismo, mas paralelamente à isso acrescentamos a ele o valor estético. A atividade humana possui em sua essência a criatividade inventiva e imaginativa ligadas às suas necessidades básicas de sobrevivência e ao processo de humanização.

A arte se reinventou e se misturou, criando diferentes linguagens artísticas e novas formas de ver e conceber o mundo. Diante da multiplicidade artístico-culturais de grupos diferentes propomos novos olhares, pois não há uma Arte oficial para ensinar arte. A perspectiva que consideraremos é a da interculturalidade. Essa ferramenta é centrada na problemática estrutural da colonialidade. Isto é, de um reconhecimento de que a diferença se constrói dentro de uma estrutura e matriz colonial de poder racializado e hierarquizado, com os brancos e "branqueados" em cima e os povos indígenas e afrodescendentes nos andares inferiores (WALSH, 2009).

Esse material pedagógico pode ser uma ferramenta de apoio para trabalhar com a temática indígena em sala de aula. Foi pensado a partir dos anseios dos professores e professoras da Escola Estadual de Ensino Fundamental Jardim dos Migrantes e da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Jandinei Cella. Sua construção é fruto de uma pesquisa intitulada: Prática docente e interculturalidade: desafios para o ensino de arte sobre a história e a cultura indígena na escola do Programa de Pós-graduação em Educação Escolar – Mestrado e Doutorado profissional. Vinculado ao Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (GPEA).

INTRODUÇÃO

Os temas emergentes e as novas exigências educativas surgiram da necessidade de pensar a educação de forma à considerar a diversidade cultural e suas identidades. A partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, seguida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), deram início a uma nova fase da educação brasileira. Com a aprovação da Lei 11.645 no ano de 2008, os sistemas de ensino e suas instituições educacionais têm sido desafiados a trazer a temática da história e da cultura dos povos indígenas para dentro dos estabelecimentos de ensino, o que não tem ocorrido sem tensões e contradições entre os povos indígenas e os sistemas de ensino e suas instituições formadoras. Isto se dá, principalmente, pelos modos equivocados de implementação dos dispositivos dessa Lei, incorporados na redação da Lei nº 9.394/96 (LDB) mas, em muitos casos, não sendo cumpridos da maneira estabelecida pela referida base legal.

Desde que a Lei 11.645/2008 foi aprovada, tem ocorrido inúmeros debates promovidos pelas organizações e representações indígenas e sociedade acadêmica sobre a necessidade de repensar os processos formativos de estudantes, professores e professoras para que se tenha um conhecimento aprofundado dessa temática. Consideramos a inclusão do ensino sobre a história e cultura indígena na escola uma forma de superar a situação de preconceito e discriminação étnico-racial, bem como o reconhecimento da participação dos povos indígenas na formação da sociedade brasileira em todas as suas manifestações artísticas e suas estéticas.

Esse material didático e pedagógico vem contribuir para uma prática docente intercultural, ampliar os conhecimentos diante da criação artística indígena, orientando a busca daqueles que querem conhecer mais as artes indígenas no intuito de promover mudanças positivas na forma de ver outras possibilidades de vislumbrar nosso universo simbólico, de outros saberes, forma de ver, sentir e representar o mundo. Nesse sentido, conhecer como os indígenas concebem a arte e compreender sua qual é função nas suas comunidades, é primordial para iniciar uma abordagem despida da estrutura colonial e de subalternização cultural.

A cartilha pedagógica está dividida em quatro partes, sendo que a primeira aborda a concepção da interculturalidade crítica, a segunda sobre o ensino de arte, no terceiro momento buscamos descrever sobre as artes indígenas, na quarta dispomos de cinco propostas de atividades didáticas coerentes com a pedagogia intercultural, sem estereotipias e generalizações. Por fim, concluímos com as considerações finais.

INTERCULTURALIDADE

Assumimos para esse trabalho uma proposta da interculturalidade crítica, que é apontada como uma ferramenta pedagógica que questiona continuamente a racialização, subalternização, inferiorização e seus padrões de poder, visibiliza maneiras diferentes de ser, viver e saber e busca o desenvolvimento e criação de compreensões e condições que não só articulam e fazem dialogar as diferenças num marco de legitimidade, dignidade, igualdade, equidade e respeito, mas que – ao mesmo tempo – alentam a criação de modos "outros" – de pensar, ser, estar, aprender, ensinar, sonhar e viver que cruzam fronteiras (WALSH, 2009, p. 25).

É importante expormos a existência de uma outro tipo de interculturalidade, a "interculturalidade funcional". Enquanto educadores e educadoras devemos saber que por mais que tenhamos boas intenções ao abordar essa temática, não podemos deixar cair no erro de replicar esse modelo de interculturalidade. Seu conceito assume a lógica neoliberal da globalização hegemônica e a agenda dos principais organismos internacionais. A incorporação do discurso da interculturalidade neste contexto se dá com uma abordagem orientada a inibir conflitos explícitos ou latentes, e não provocar mudanças de caráter estrutural. São incorporados alguns aspectos da diversidade cultural, orientados a promover a tolerância, o respeito mútuo e maiores espaços de expressão dos diferentes grupos socioculturais, mas sempre limitada (CANDAU; RUSSO, 2010, p. 163).

A preponderância de visões e/ou silenciamentos da realidade através de estratégias de dominação contribuem para configurar mentalidades etnocêntricas que tendem a explicar tudo recorrendo a comparações hierarquizadoras ou a dicotomia exclusiva entre "bom" e "mau". Esta é uma maneira das maneiras de construir e reforçar estereótipos e preconceitos sobre grupos e povos marginalizados e sem poder e, consequentemente, de atribuir-lhes responsabilidades exclusivas por situações que lhes são impostas (SANTOMÉ, 1998, p. 138).

Por isso consideramos importante a compreensão dessas vertentes da interculturalidade para que o professor ou a professora não multiplique formas de coadunar com as estereotipias e preconceitos em sala de aula e acabe aplicando uma pedagogia intercultural funcional. A arte é uma área de conhecimento que pode contribuir para a desconstrução desse pensamento de sobreposições culturais. A partir desses conceitos propor um ensino que questione o "ideal ocidental" de arte que nega e classifica a arte indígena como primitiva e menos valorosa, caracterizado por uma essência etnocêntrica e acadêmica das linguagens artísticas.

POR QUE ARTE NA ESCOLA?

Arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber (MARTINS, 2010, p. 12).

A arte mostra-se presente na história da humanidade desde os tempos mais remotos. Para a apreciação da arte é necessário aprender a observar, a analisar, a refletir, a criticar e a emitir opiniões fundamentadas sobre gostos, estilos, materiais e modos diferentes de fazer arte. Fischer "Nos alvores da humanidade a arte pouco tinha a ver com "beleza" e nada tinha a ver com a contemplação estética: era um instrumento mágico, uma arma da coletividade humana em sua luta pela sobrevivência (FISCHER, 1987, p.45) ".

Sem dúvida, ela pode ser considerada como sendo uma necessidade de expressão do ser humano, surgindo como fruto da relação homem/mundo. A humanidade sempre procurou adaptar-se à realidade do seu cotidiano. O ser humano se utiliza da arte para dialogar com o meio em que vive, a arte somente tem sentido quando sua representação for uma representação social (FISCHER, 1987).

A tarefa do artista é expor ao seu público a significação profunda dos acontecimentos, fazendo-o compreender claramente a necessidade e as relações essenciais entre o homem e a natureza e entre o homem e a sociedade. Fuzari e Ferraz (1993, p. 63) expõe que "o estudo da arte em sala de aula é importante para que os educandos compreendam a arte como fruto da relação do ser humano com a sociedade em que vive".

Partindo deste princípio, a arte existe para decorar o mundo, para ajudar no dia-a-dia (utilitária), para explicar e descrever a história, para expressar ideias, desejos e sentimentos, a arte é uma manifestação singular. Os seres humanos sempre tentaram desvendar sua origem e criação. Para isso as sociedades, de acordo com seus aspectos culturais, foram criando seus mitos.

De acordo com Fuzari e Ferraz (1993, p. 84), "O brincar nas aulas de arte pode ser uma maneira prazerosa de a criança experimentar novas situações e ajudá-la a compreender e assimilar mais facilmente o mundo cultural e estético." O brincar para a criança é uma forma de facilitar a compreensão do conteúdo em estudo.

Uma das dificuldades para os professores e professoras de arte é encontrar um método didático para trabalhar as diferentes linguagens artísticas das: Artes Visuais, da Música e das Cênicas. Pesando nisso a professora Ana Mae Barbosa desenvolveu, com base em suas pesquisas e ações educativas, a chamada Abordagem Triangular do ensino de Arte. Apesar de não contemplar a música e a cênicas, essa metodologia não é uma receita pronta, mas também pode ser adaptada para as demais linguagens. A abordagem consiste em momentos de apreciar/ler, fazer e contextualizar. Antes de ler a palavra e os signos de uma imagem ou de perceber sons, gestos ou movimentos em obra de arte, a criança lê o mundo. Apreciar as diferentes obras de arte são momentos de aprendizagem, alimento para o olhar, ouvir, sentir no corpo e outras percepções da arte enquanto produto sensível. É uma fusão de possibilidades entre o mundo da criança estabelecendo uma relação entre arte e vida, construções de interpretações de um mundo culturalmente vivido.

O fazer artístico é o momento para instituir espaços de produção criativa nas linguagens artísticas. A obra de um artista representa um universo simbólico e cultural e nutre o repertório dos estudantes. Incentivar a produção artística das crianças e adolescentes é uma forma de contribuir para o senso criativo, imaginativo que ajudam a desenvolver a capacidade de observação, percepção e motricidade.

Imagem 1

Fonte: Acervo pessoal, 2019

Imagem 2

Fonte: Google, 2019

POVOS INDÍGENAS E SUA ARTE

O que sabemos sobre os povos indígenas brasileiros? Quantos indígenas vivem no Brasil? Quantos povos são? Quantas línguas são faladas? Como e onde vivem? Como é a estética artística desses povos indígenas? Mesmo com quase 900.000 indígenas vivendo em território brasileiro, pouco sabemos sobre eles e suas expressões. Durante séculos, os indígenas foram invisibilizadas pela sociedade brasileira, o que dificultou uma aproximação com suas culturas e suas maneiras de ver o mundo. Nós cidadãos urbanos, nem sempre conseguimos ter os olhos para o universo indígena brasileiro, pois sua complexidade exige um olhar livre, cuidadoso e disponível.

A ideia de que os povos originários viviam num passado remoto e de que seriam extintos não tem mais lugar nos dias de hoje, uma vez que, apesar de inúmeras dificuldades e conflitos, eles nos dão muitas lições de vida, com sua perseverança e resistência. Foi longo o processo até que suas vozes indígenas começassem a ser ouvidas no mundo contemporâneo.

TERMINILOGIA "ÍNDIO"

Quando Cristóvão Colombo chegou à América, não hesitou em chamar os povos encontrados de "índios", pois acreditava ter aportado nas Índias. Desde então, o termo "índio" foi usado para todos os povos nativos que aqui vivem. No entanto, a palavra vem carregada de estereótipos como "selvagens" "atrasado", "preguiçoso", "canibal", entre outros. Por esse motivo seria mais adequado dizer "indígena", que significa "aquele que pertence ao lugar", "originário", "original do lugar". Na realidade, o ideal seria chama-los pelo nome de seu povo, como por exemplo: Kamaiurá, Krenak, Paiter Surui, Yudjá etc.

É importante entender que cada comunidade indígena tem suas próprias características culturais, tais como: maneiras de viver, tradições, organizações sociais, sistemas de parentesco, rituais, cosmologias e línguas.

ALGUMAS DEFINIÇÕES SOBRE A ARTE INDÍGENA

Os povos indígenas não compartilham a nossa noção de arte, assim como não têm palavra ou conceito equivalente. A compreensão que temos de arte é pautado nos conceitos e tradição ocidental europeia. Não é porque entre os povos indígenas inexistem o conceito de estética e os valores que o campo das artes agrega na tradição ocidental que outros povos não teriam formulado seus próprios termos e critérios para distinguir e produzir beleza.

O estilo de diferentes grupos indígenas relacionado às suas expressões artísticas são materializações densas de complexas redes de significados que levam a abduções, inferências com relação a intenções e ações de outros agentes. Os objetos indígenas cristalizam ações, valores e ideias. Em síntese o mundo indígena gira em torno de seus mitos, ritos, língua e arte.

.

Imagem 3. Cerâmica marajoara.
Fonte: Google, 2019.

Pesquisas arqueológicas, consistentes na observação de vestígios de cerâmica, pinturas rupestres e litografias, corroboradas por documentos históricos como crônicas de viajantes, relatos oficiais das coroas e missionários, dão conta de que havia na Amazônia uma população aproximada de 5 milhões de indígenas pertencentes a 1400 povos, 1200 línguas, há dezenas de milhares de anos. Antes da colonização estima-se que existia entre 3 e 8 milhões de indígenas, 1.400 povos e 1.200 línguas. Hoje existe uma população estimada em 715.213 distribuídos entre os 252 povos e cerca de 160 línguas.

ARTES INDÍGENAS

Além dos mitos, das músicas e dos rituais, há aspectos da vida indígena igualmente relevantes que nos ajudam a compreender esses povos. São as chamadas "artes indígenas", como a ARTE PLUMÁRIA, CERÂMICA, TECELAGEM, CESTARIAS, TRANÇADOS, CARPINTARIA, ADORNOS E PINTURAS CORPORAIS.

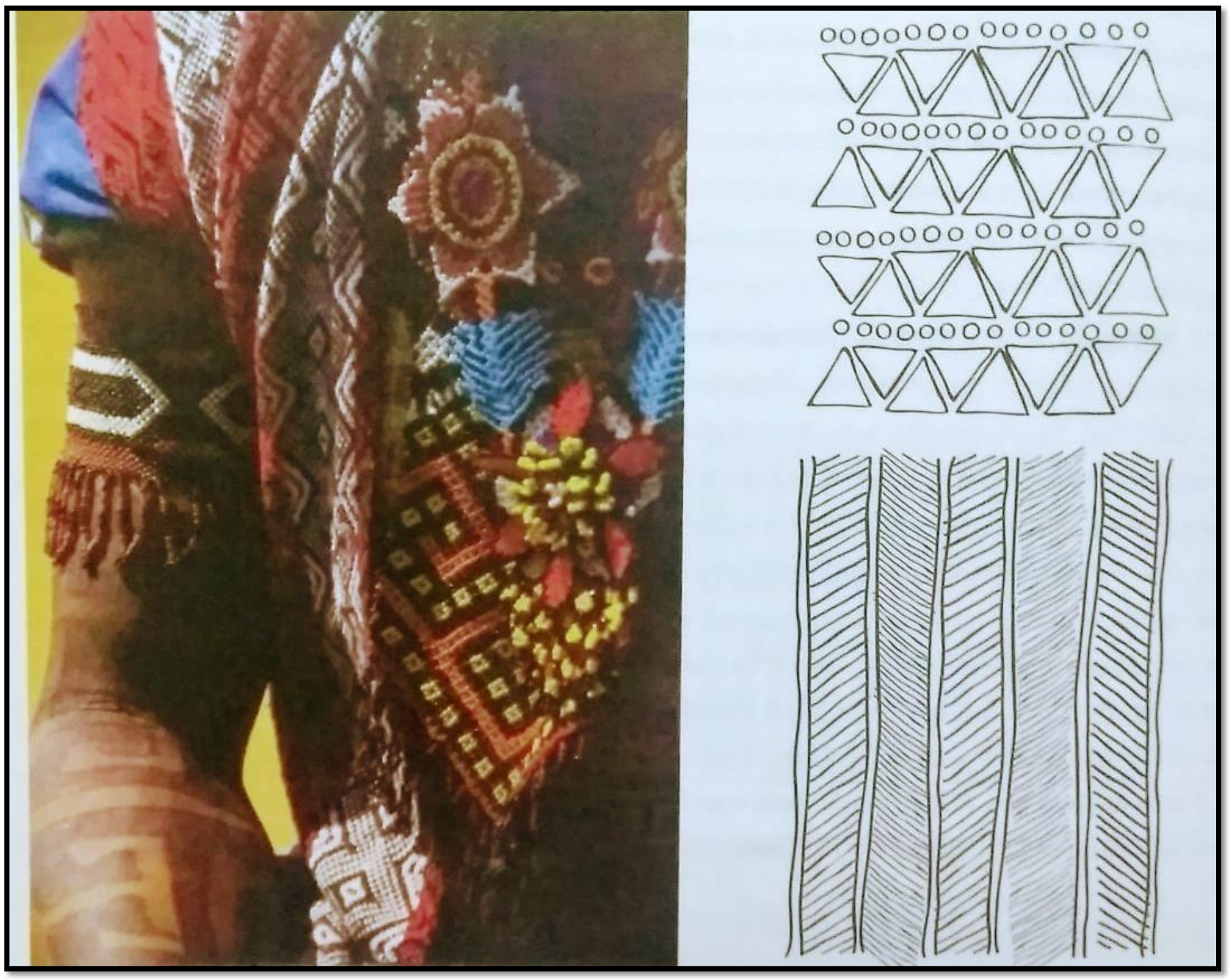
Imagem 4. bonecas Karajá "Ritxòkò".
Cultura Karajá, Tocantins.
Fonte: Google, 2019.

GRAFISMO

O grafismo dos indígenas sempre despertou a atenção e a curiosidade de cronistas e viajantes que por aqui aportaram, não apenas por sua técnica e beleza, mas também por seus códigos repletos de significados simbólicos. É considerado uma das grandes riquezas materiais reveladora de dados importantes da vida indígena como as funções sociais e os aspectos cosmológicos.

Pode-se compreender a história também por meio dos grafismos presentes nas pedras, ou seja, as inscrições rupestres, como por exemplo os encontrados no Parque Nacional Serra da Capivara, no Piauí.

Imagem 5: Grafismo indígena



Fonte: Google, 2019.

PINTURA CORPORAL

A pintura corporal é a forma de expressão indígena mais conhecida. O corpo é a "tela" onde os indígenas mais pintam, e aquela que pintam com mais primor. Há uma grande diversidade de grafismos utilizados na pintura corporal, com diversos padrões geométricos, como triângulos, quadrados, pontilhados, espirais e círculos, feito com a mesma diversidade de tinturas, como jenipapo ou urucum misturados com óleo vegetal, cinzas e outros elementos.

Imagem 6: Catarino Sebirop: Cacique dos Ikólóéhj Gavião de Rondônia.
Fonte: Página do site os brasis e suas memórias, 2019. Disponível em: https://osbrasisesuasmemorias.com.br/catarino-sebirop-cacique-dos-ikoloehj-gaviao-de-rondonia/

ARTE PLUMÁRIA

Uma das expressões da cultura material indígena mais estudadas, a arte plumária tem inspirado muitas pesquisas etnográficas e museológicas, exposições e publicações internacionais.

Cocares, diademas e máscaras de diferentes estilos revelam a identidade própria de cada cultura e ajudam a compreender as conjunturas históricas e ambientais de cada povo. A matéria-prima usada na arte plumária consiste em penas, plumas e penugens combinadas com materiais como couro, sementes, cocos, miçangas, ossos etc. É responsabilidade dos adultos confeccionar os diversos artefatos plumários, transmitindo a técnica somente aos jovens iniciados.

Toda cultura material indígena está conectada ao movimento das danças e rituais. Cocares, colares, brincos e botoques também são formas estéticas de identificar socialmente uma aldeia. Os adornos plumários são usados sempre em situações específicas, como funeral, celebração da colheita, ritual de cura ou iniciação de adolescente na puberdade.

Imagem 6: Arte Plumária.

Fonte: Google, 2019.

CERÂMICA

Objetos de cerâmica são encontrados com frequência em escavações arqueológicas e são provas da existência milenar de povos indígenas na américa. São peças de argila que resistiram ao tempo e se conservaram como testemunho e costumes de diferentes povos, contribuindo para a compreensão da história da humanidade. Suas finalidades são diversas, desde armazenamento de alimentos e água até urnas funerárias.

A cerâmica marajoara, bastante conhecida no circuito turístico paraense, era inicialmente produzida por povos desaparecidos da ilha de Marajó e de Santarém, no Pará. Ela é considerada uma das mais primitivas das Américas. Data de 400 a 1350 d.C. e se caracteriza por uma grande quantidade de objetos rituais, utilitários e decorativos.

As mulheres Paiter Surui produzem potes e panelas de cerâmica muito particulares, que se destacam pela forma, volume, espessura e manchas. Diferentemente da Marajoara, as panelas Paiter Surui não tem adornos e são tingidas com uma substância extraída do jequitibá.

Imagem 7: Cerâmica Paiter Surui

Fonte: Google, 2019.

CESTARIA E TRANÇADO

Vista apenas como um artesanato sem muita importância, na realidade a arte de trançar cestos tem um sentido mais profundo do que o ofício propriamente dito. Tecer a palha exige muita atenção e maestria. Para os Ye'Kwana, por exemplo, o trançado é como metáfora-chave da vida. Fragmentos de mitos são trançados e cantados pelos mais velhos todos os dias no final da tarde, sentados em círculo.

De uso doméstico, os cestos indígenas, confeccionados com taquara, folhas de palmeira, cipó, palha de murmuru, touceira e chila, são usados por mulheres e homens para carregar alimentos, coar líquidos, armazenar carnes, guardar objetos usados nos rituais, miçangas, algodão. Além disso muitos objetos trançados, como cintos, tipoias ou suportes para ornamentos plumários, fazem parte da estética corporal. Os Kaiangang são notáveis artesãos de cestarias, que segue o princípio da sua cosmologia dualista: a divisão dos seres e dos elementos da natureza em duas metades que se complementam: Kamé e Kairú.

Imagem 8: Cestaria Kaingang e Guarani.

Fonte: Google, 2019.

CARPINTARIA

Os bancos indígenas também são impregnados de dimensão simbólica, além de sua função utilitária. São feitos de madeira, material resistente ao tempo e revelam suas identidades. São confeccionados em formas e estilos diversos. Os bancos também servem para definir o status social das pessoas dentro do grupo.

Imagem 9: Banco indígena Karanari.

Fonte: Google, 2019

MÚSICAS INDÍGENAS

A diversidade do universo musical indígena é muito grande, haja vista a existência de cerca de 252 povos com diferentes estéticas sonoras, porém há entre eles aspectos comuns. O repertório indígena apresenta sistemas musicais diferentes e por essa razão dever ser compreendido com base em outros referenciais.

É comum dizer que a música indígena não tem melodia, não tem harmonia, não é afinada. Na realidade, ela tem todos esses elementos, embora articulados de maneira diferentes. Esse estranhamento deriva de uma visão limitada e pouco conhecimento sobre essas músicas. Infelizmente, ainda hoje é comum imitar os indígenas batendo a mão nos lábios e fazendo "uhuuu! É possível elencar alguns aspectos na construção da musicalidade indígena brasileira como a funcionalidade, a oralidade, a inter-relação entre o mito e música, as diferentes expressões vocais e a circularidade.

Imagem 10: Dança do povo Ikolen-Gavião (Ikólóéhj) que vive na Terra Indígena Igarapé Lourdes, no estado de Rondônia.

Fonte: Mawaca, 2019. Disponível em: http://www.cantosdafloresta.com.br/povos/ikolen-gaviao/

PROPOSTA DIDÁTICA 01

PO HAMEK – BATENDO PALMAS

POVO KRENAK – Significa originalmente "cabeça na terra", mas receberam diversas designações desde o contato com os colonizadores. No século XVIII foram chamados pelos Portugueses de "Botocudos", por usarem botoques nos lábios e nas orelhas.

APRENDIZAGENS:

Dança e contextos culturais; brincadeiras cantadas e dançadas; expressão e repertório corporal; conhecimento de partes do corpo; registro de movimentos sonoros.

OBJETIVOS:

- **Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas artísticas e culturais a partir de brincadeiras cantadas indígenas.**
- **Conhecer e dialogar sobre diversidade cultural dos povos indígenas.**

Po Hamék é uma cantiga de saudação KRENAK entoada por jovens, adultos e crianças durante o ritual do Taru Andek. É acompanhada de batidas de pés e mãos e vem sendo passada de geração em geração desde o começo do século XX. É cantada em pequenas reuniões no terreiro das casas, numa festa de aniversário, no pátio das escolas, coletivamente, como as cantigas de roda. A brincadeira possui ritmo simples e favorece várias alternativas de brincadeiras com o corpo favorecendo um jogo de coordenação motora.

REGISTROS E AVALIAÇÕES

O que sabem sobre arte e processo criador coletivo?

Conhecem a formação do povo brasileiro e a importância da cultura indígena neste processo?

Se expressam por meio de movimentos dançados e brincadeiras cantadas?

VAMOS BRINCAR – Comece a brincadeira propondo ritmos variados a serem repetidos pelos estudantes, explore outras partes do corpo, não somente as palmas ou batidas dos pés no chão. A brincadeira nos lembra " Seu mestre mandou". Após o aquecimento comece a propor os motivos rítmicos da própria música 'PO HAMEK" (tátá tá) intercalando entre palmas e batida dos pés do chão de forma alternada. Ouça a música, comece a cantar repetindo várias vezes, entre no ritmo da música até as crianças conseguirem interpretá-la fluentemente.

Preste atenção na sequência "Grirerré" e "Pauamé".

Letra em Borum	**Pronúncia**	**Tradução**
Na gran tondon mùm gri	Na grantandó naum gri	Vamos todos cantar juntos
Na gran tondon mùm gri	Na grantandó naum gri	Vamos todos cantar juntos
Gri erehé, gri erehé	Grirerré, grirerré	Cantar bonito, cantar bonito
Po Hamék, po hamék	Pauamé, Pauamé	Bater palmas, bater palmas
Po Hamék, gri erehé	Pauamé, Grirerré	Bater palmas, cantar bonito
Gri erehé, Po hamék	Grirerré, pauamé	Cantar bonito, bater palmas

Áudio disponível em: http: //www.cantosdafloresta.com.br/povos/krenak/propostas-didaticas/po-hamek-bate-palma-bate-pe/
Adaptada de cantos da florestas: http: //www.cantosdafloresta.com.br/wp-content/uploads/2018/01/Bate-palma_bate-pe_Krenak_atividade.pdf

PROPOSTA DIDÁTICA 02

O MITO DA CRIAÇÃO DO POVO IKOLEN GAVIÃO

POVO IKOLEN GAVIÃO – O povo Ikolóéhj Gavião, tradicionalmente, habitava a região entre Rio Branco/MT e a Serra da Providência, divisa entre Mato Grosso e Rondônia. Hostilizados pela frente colonizadora, a partir da década de 1940, foram se deslocando para a atual Terra Indígena Igarapé Lourdes, município de Ji-Paraná, estado de Rondônia.

APRENDIZAGENS:

Artes Cênicas; Teatro; Espaço Cênico; Criatividade e Imaginação.

OBJETIVOS:

- **Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente outras formas de conhecimento de mundo, em especial da cultura indígena.**
- **Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação através do teatro.**

Havia uma grande pedra. Dentro dela fazia muito barulho. Nesse tempo, os animais eram gente. Eles começaram a ficar curiosos com aquilo e tentaram perfurar a pedra, mas não conseguiu por ter um bico frágil. Então chegaram aves de bico duro, como mutum, papagaio, periquito, arara e outras com capacidade de furar a pedra. Com muito custo, fizeram um buraco. Quando a pedra furou, começou a sair gente. Ao sair, cada grupo falava o nome de sua nação. Por exemplo: Eu sou o branco, eu sou o Suruí, eu sou o Arara! E assim todos os seres humanos saíram da pedra, formando seus grupos. Por último, saíram os Gavião. Dentro da pedra havia uma mulher grávida que deveria sair só depois que todos saíssem, mas ela resolveu sair no meio da multidão. Pelo buraco só podia sair um de cada vez. Ao sair, ela ficou presa no buraco, impedindo que os demais saíssem. Então o restante do povo Gavião ficou preso dentro da pedra. Por isso a etnia Gavião é pequena.

REGISTROS E AVALIAÇÕES

Observe como os alunos se relacionam e se expressam e sua capacidade de se comunicarem por meio da interpretação proporcionado pela arte teatral: vozes, corpos, sons, imagens, palavras etc.

VAMOS ENCENAR – Elabore um roteiro teatral que contenha todos os personagens do mito da criação do povo Gavião. Deixe as crianças escolherem que personagem querem interpretar. Caso algum dos estudantes não se proponha participar busque inseri-lo na produção da peça teatral, desde a colaboração no cenário, na organização do espaço, figurino, das cenas etc. A peça teatral é adaptável, sendo possível fazer ajustes para criar diálogos, narrador, para contar uma história ou passar uma mensagem.

Adaptação realizada a partir do Mito da Criação do povo Gavião.

PROPOSTA DIDÁTICA 03

GRAFISMO INDÍGENA – DESENHO E PINTURA

É considerado uma das riquezas materiais mais importante da vida indígena e possui códigos repletos de significados. Os grafismos dos indígenas brasileiros sempre chamaram a atenção pelo fato de pintarem seus corpos , assim como decoravam seus objetos utilitários, como a cerâmica e as cestarias. Estudos arqueológicos apontam que na pré-história esses povos já faziam-se presente. O sítio arqueológico Serra da Capivara, no Piauí apresenta a maior quantidade de pinturas rupestres do continente americano, nesses sítios é possível observar grafismos do então denominados paleoíndios, confirmando a existência desses povos 11 mil anos antes dos colonizadores.

APRENDIZAGENS:

Artes visuais, Elemento visual – Formas geométricas, Leitura de imagens, Processo de criação individual e/ou coletiva.

OBJETIVOS:

- **Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente outras formas de conhecimento de mundo, em especial da cultura indígena.**
- **Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação através das Arte visuais indígenas.**
- **Analisar e valorizar a concepção indígena sobre arte.**

Demonstrar o universo visual indígena e todas as suas formas de arte visual, busque direcionar à determinada etnia ou povo indígena: Pintura Corporal, Arte plumária, Cerâmica, Trançado e cestaria, Carpintaria, Adornos e adereços. Deixe o aluno livre para escolher a imagem que ele deseja fazer a releitura e decora-la com o grafismo. A intensão é que ele compreenda a importância dos códigos visuais para os povos indígenas. Não deixe de falar sobre os materiais, cores e demais suportes para essa forma artística.

REGISTROS E AVALIAÇÕES

Observe como os alunos se relacionam e se expressam e sua capacidade criativa por meio do desenho livre ou da pintura.

EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS E APRECIAÇÃO – Depois de todos estarem com suas obras prontas é importante construir um mural para exposição dos trabalhos de modo que todos apreciem a exposição dos colegas. Você pode pedir para que ele fale um pouco sobre sua obra e/ou pedir que interprete a obra de outro colega de classe.

PROPOSTA DIDÁTICA 04

BRINCADEIRA DA ONÇA – ALDEIA NASÊPOTITI, Terra indígena Panará/PA

Em um mundo cada vez mais tecnológico as brincadeiras que poderia colaborar com o desenvolvimento psicomotor de certo modo estão ficando esquecidas. Muitas dessas brincadeiras que faziam ou fazem parte da cultura local, regional ou mesmo nacional estão perdendo espaço para celulares e jogos eletrônicos. Despertar e incentivar o gosto por brincadeiras e transformá-las num processo que agregue conhecimento, é transformar o ambiente escolar em algo divertido e prazeroso. É também uma possibilidade de demonstrar outros universos culturais, outras formas de ver, agir e sentir o mundo com o objetivo de conciliar ludicidade e aprendizagens.

APRENDIZAGENS:

Capacidade imaginativa, Percepção espacial, Processo de criação individual e/ou coletiva.

OBJETIVOS:

- **Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação através das brincadeiras indígenas.**
- **Trabalhar a psicomotricidade, elementos corporais e espaciais.**
- **Analisar e valorizar a concepção indígena sobre arte e suas variantes.**

Na aldeia Nasêpotiti muitas brincadeiras remetem a animais da região, e o mais temido de todos, a onça, não poderia ficar de fora da brincadeira. Na brincadeira da onça o pekã é um pássaro que avisa o perigo da onça, e os porcos são aqueles que devem ouvir o aviso do pekã e fugir da onça. Uma pessoa tem que fazer o papel do peka e que ficar em cima de um lugar alto.

➢ Siga os passos e a acompanhe para fugir da onça!

1. Uma pessoa é escolhida para ser a onça.
2. Todos os participantes devem sentar em fila, um atrás do outro com as pernas abertas. Esses são os porcos.
3. A última pessoa da fila deve sair de seu lugar e tentar sentar na frente da fila sem que seja pego pela onça.
4. O pássaro deve avisar o porco que ele pode sair. O porco não pode sair sem esse aviso.
5. Quando a onça consegue pegar o porco ela leva para um canto, então a fila de porcos vai diminuindo.
6. A brincadeira termina quando a onça consegue pegar todos os porcos.

REGISTROS E AVALIAÇÕES

Observe como os alunos se relacionam, a interação entre eles, tende criar espaços para diálogo de modo que cada um possa falar de sua experiência com a brincadeira.

ATIVIDADE COMBINADA – Para trabalhar outros aspectos artísticos você pode caracterizar os personagens, por exemplo, a criação de máscaras, explorar a diversidade de espécies animais que fazem parte da cadeia alimentar a onça, enfim use toda sua criatividade para deixar a brincadeira bem atrativa e divertida.

Fonte: https://territoriodobrincar.com.br/brincadeiras/brincadeira-da-onca-2/
Texto: Renata Meirelles

PROPOSTA DIDÁTICA 05

SENSIBILIZAÇÃO SONORA

Uma escuta bem conduzida poderá conscientizá-los de que o mundo indígena tem músicas indígenas e não música indígena no singular, como se fosse uma só expressão. A música tem a capacidade de promover a capacidade de percepção sonora, sensibilizar e provocar emoções diversas.

APRENDIZAGENS:

Sensibilidade estético auditiva, Percepção musical, Instrumentos musicais, O som e suas propriedades.

OBJETIVOS:

- Sensibilizar seus alunos através da escuta e também possibilitar a compreensão sobre a diversidade sonoro-estética indígena, diferente dos referenciais sonoros a que estamos acostumados a ouvir.

REGISTROS E AVALIAÇÕES

Observe como os alunos se relacionam e se expressam

VAMOS COMEÇAR – Escolha de 6 a 10 (músicas ou sonoridades) diferentes presente no universo da culturas indígenas (Instrumentos musicais e vozes).

Propor que os alunos façam esta escuta de olhos fechados e, de preferência, deitados. Ao final de cada trecho, deixamos um pequeno intervalo para que eles possam anotar suas sensações, imagens e percepções de instrumentos, vozes, elementos musicais evidentes, entre outras observações. Pedir que cada um compartilhe suas impressões provocadas pelas músicas, estimulando uma conversa entre todos do grupo.

Seria interessante fazer algumas perguntas, tocando trechos menores de cada exemplo para ativar a memória, como por exemplo: É um canto solista? Seria uma criança, um adulto, ancião, uma mulher, um homem? Ou seria um grupo de pessoas cantando coletivamente? Que tipo de instrumento seria? Sopro, percussão, cordas? Eles cantam ou falam? Onde começa o canto e onde começa a fala? Em qual lugar estão tocando ou cantando? Que "paisagem sonora" vocês podem perceber nessas músicas, ou seja, que ruídos ou sons externos (vento, pássaros, crianças rindo, sons da natureza etc.) podem indicar o lugar onde o evento musical está sendo realizado?
Vocês tem ideia em qual situação essa música está acontecendo? Seria uma cerimônia religiosa, uma brincadeira, uma contação de histórias, um ritual qualquer?
Depois dessas perguntas, seria bom você comentar cada exemplo sonoro, destacando as características musicais de cada um – relacionando-as ou não aos comentários apresentados pelo grupo – e mostrando imagens e vídeos que ilustrem os exemplos apresentados. É importante ressaltar a diversidade musical presente nesses exemplos sonoros, aproveitando para romper com os estereótipos sobre as músicas indígenas, mostrando que há várias formas de se fazer música, com diferentes sons, instrumentos e estruturas musicais.

Proposta sequencial de escuta a partir de várias etnias existentes no Brasil disponível em: http://www.cantosdafloresta.com.br/musicas-indigenas/propostas-didaticas/sensibilizacao-sonora-exercicio-de-escuta/

CONSIDERAÇÕES

Esse produto construído coletivamente, na verdade, é uma demonstração das possibilidades de propostas pedagógicas interculturais que podem ser ferramentas de ensino e aprendizagem em sala de aula sobre a temática indígena. Tem respaldo nos estudos realizados durante a pesquisa de mestrado profissional em educação escolar. Essa cartilha não pode limitar à ação docente como se fosse um receituário pronto e acabado. Que ela sirva de inspiração para o trabalho de professores e professoras das escolas municipais e estaduais de educação.

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

Paulo Freire

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria Ferrão; RUSSO, Kelly. Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 10, n. 29, p.151-169, jan./abr. 2010. Quadrimestral. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/issue/view/289. Acesso em: 03 jul. 2019.

FERRAZ, Heloisa; FUSARI, Maria F. de Resende. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

PUCCI, Magda. Cantos da floresta: iniciação ao universo musical indígena. São Paulo: Peirópilis, 2017. 336 p.

MARTINS, Mirian C. ; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria T.T.(orgs). **Teoria e prática do ensino de arte**: a língua do mundo. São Paulo: FTD, 2010.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e Interdisciplinaridade:** O currículo integrado. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. *In*. CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-43.

ARTES INDÍGENAS

PRÁTICAS INTERCULTURAIS E O ENSINO DE ARTE

UNIR
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

2019